

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO

AS POSSIBILIDADES DE UMA ADMINISTRAÇÃO COOPERATIVA EM
UM HORIZONTE ALTERMUNDISTA

DANILO LIMA FURTADO

RIO DE JANEIRO
2010
DANILO LIMA FURTADO

AS POSSIBILIDADES DE UMA ADMINISTRAÇÃO COOPERATIVA EM
UM HORIZONTE ALTERMUNDISTA

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Faculdade de Administração da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof.º Antonio F. Saturnino Braga

RIO DE JANEIRO

2010

Furtado, Danilo Lima.

As possibilidades de uma Administração Cooperativa em um horizonte
Altermundista / Danilo Lima Furtado – 2010.

42 f.

Orientador: Antonio F. Saturnino Braga.

Monografia (graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio de
Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Faculdade de
Administração.

Bibliografia: f. 42

1. Administração Cooperativa – Monografias. I – Braga, Antonio Saturnino. II
– Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Administração e
Ciências Contábeis. Faculdade de Administração. III - Título

DANILO LIMA FURTADO

AS POSSIBILIDADES DE UMA ADMINISTRAÇÃO COOPERATIVA EM UM
HORIZONTE ALTERMUNDISTA

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Faculdade de Administração da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Administração.

Data de aprovação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

Prof. Antonio F. Saturnino Braga - UFRJ

EPIGRAFE

**Há uma rachadura no telhado
E a pia está vazando
Sem dinheiro e sem trabalho
E meus dias vão passando**

**Por qual motivo estamos vivendo?
Um quarto e sala no segundo andar**

**Sem dinheiro em caixa
O agiota está batendo, tentando entrar**

**Nós somos rigorosamente de segunda classe
E não conseguimos entender**

**Sem saída, por que nós devemos estar na rua sem saída?
Sem saída, as pessoas estão vivendo na rua sem saída
Sem saída, vou morrer na rua sem saída**

**Em uma manhã muito gelada
Limpo os olhos e bocejo
E meus pés já congelados
Fervo o chá e agradeço**

**Por qual motivo estamos vivendo?
Um quarto e sala no segundo andar**

**Sem chance de emigrar
Estou endividado e agora é tarde demais**

**Nós queremos trabalhar tão duro
Mas não temos a chance**

**Sem saída, por que nós devemos estar na rua sem saída?
Sem saída, as pessoas estão vivendo na rua sem saída
Sem saída, vou morrer na rua sem saída**

The Kinks – Dead End Street

Composição de Ray Davies, 1966

Tradução Livre do Autor

DEDICATÓRIA

A minha avó Olindina Rodrigues Lima, a “Vó Dina”

A pessoa mais simples e humilde;

A mulher mais forte e corajosa;

A mãe mais acolhedora;

A melhor avó que eu poderia ter;

E que apesar da constante ausência deste neto desnaturado,

O inclui todos os dias em sua oração...

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e minha irmã, pelo constante apoio, invariáveis broncas e inúmeros conselhos. Formando meu senso de honestidade e justiça.

Aos meus familiares, pelas inúmeras demonstrações de afeto e por nunca se esquecerem de mim. Formando meu senso ético e de cumplicidade.

À meu orientador acadêmico, Antonio Saturnino, pelo cuidado e diligência empregados na revisão e realização deste trabalho. Assim como ao meu orientador de vida, Humberto Laport, por seus conselhos, idéias, sugestões e por sempre me lembrar de que sou capaz. Formando meu senso crítico.

Aos meus amigos, Humberto, Marcelão, Kavalo, Paul, Mirinda, Inri, Lolo, Palermo, Jujubão, Carol, Izi, Tevez, Salada, Mayhof's, Comuna, Walter, Nunes e Parise, pelas inúmeras aventuras e histórias que já passamos e pelas muitas que, juntos, ainda iremos enfrentar. Por sempre me apoiarem nos meus sonhos e ideais, e estarem presentes nos bons e maus momentos. Formando meu senso de amizade e lealdade.

À minha segunda família “Californiana”, Erick Luchtemberg, Rodrigo Mendes, Rômulo Costa e Leonardo Hoff, pelos inesquecíveis momentos em território Norte-Americano e, não tão inesquecíveis assim, em território Mexicano. Formando meu senso de liberdade.

Aos meus companheiros da UFRJ, sem os quais eu não teria chegado até aqui, Rodrigo Oliveira, Eduardo Valença, Rodrigo Hallak, Breno Casiuch, Felipe Ribeiro, Eduardo Moraes, Renato Claramonte, Luciano Dantas, Gabriel Santo, Lucca Garcia, Lívia Brandão e Matheus Perie por nunca me deixarem desistir e por sempre estarem ao meu lado. Formando meu senso de companheirismo.

À todo e a cada novo dia, onde posso errar, acertar, sorrir, lamentar, aprender, evoluir, ajudar e melhorar. Formando quem eu sou.

A todos os outros que, por motivo de força maior, esqueço, muito obrigado!

RESUMO

FURTADO, Danilo. *As possibilidades de uma Administração Cooperativa em um Horizonte Altermundista*. 2010. 42 f. Monografia (Graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

O presente trabalho tem como objetivo estudar as alterações que marcaram o mundo pós-Guerra Fria, e seus impactos na vida em sociedade e na Administração. Apresentando uma nova proposta que possa substituir o caráter selvagem e individualista do neoliberalismo, por um sistema onde predomine a colaboração entre os homens em prol do bem-comum. Uma vez compreendida a teoria, analisaremos esta discussão sob uma perspectiva de um caso real, dos trabalhadores de uma fábrica argentina que, após uma luta por melhores condições de trabalho, tomaram para si o controle da produção.

Palavras-chave: Altermundismo. Democracia Participativa. Economia Solidária.

Autogestão.

ABSTRACT

FURTADO, Danilo. *As possibilidades de uma Administração Cooperativa em um Horizonte Altermundista*. 2010. 42 f. Monografia (Graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

The present work's purpose is to analyze the changes that marked the post-Cold War world, and its impacts in society and in the Administration. Introducing a new proposal that would replace the wild and individualistic character of neoliberalism, with a system where cooperation prevails among men towards the common good. Once we understand the theory, we'll analyze this issue from a perspective of a real case, workers at a factory in Argentina, after a struggle for better working conditions, they took the control of the production.

Key-words: Altermundista. Participatory Democracy. Solidarity Economy. Self-management.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ALTERMUNDISMO: UMA NOVA GLOBALIZAÇÃO.....	12
2.1 Características do Mundo Pós-Moderno.....	12
2.2 Superação Deste Mundo.....	17
3 ADMINISTRAÇÃO COOPERATIVA. A LÓGICA DA COLABORAÇÃO.....	23
3.1 Definição de um modelo Cooperativo de Administração.....	23
3.2 Eficácia.....	28
4 O CASO FASINPAT – FÁBRICA SEM PATRÕES.....	32
4.1 De Zanon a FaSinPat.....	32
4.2 Lições de Obreiros.....	35
5 CONCLUSÃO.....	40
BIBLIOGRAFIA.....	41

1. INTRODUÇÃO

“Eles praticam um massacre e o chamam de paz”.

Tácito

Quando pensamos em grandes fatos históricos que, de alguma maneira ou por alguma razão, modificaram o mundo em que vivemos, é comum lembrar do Império Romano, das Grandes Navegações, da Revolução Francesa, a Revolução Russa, as duas Grandes Guerras e, mais recentemente, do 11 de Setembro de 2001. Porém, por muitas vezes não nos damos conta que estamos vivendo um importante momento de mudança hoje.

O neoliberalismo, como uma ideologia vigente, caracterizado por ser um sistema econômico de livre-comércio e restrição à intervenção estatal, concebido pelas grandes corporações e, tendo como padrinhos diversos governantes ligados a elas, já não é capaz de promover o silêncio dos insatisfeitos. Tendo como sustentáculo a aproximação entre os povos causada pela globalização e pela supressão das fronteiras entre países, o sistema neoliberal veio para substituir um mundo já ultrapassado, onde o governo salvaguardava seus limites territoriais e funcionava como regulador das economias, sendo participante e concorrente no âmbito de mercado e promotor da justiça social.

Valores como a competição e o individualismo nos são passados como dogma, como se a luta entre os homens fosse a resposta que nos levariam todos a um patamar de riqueza e satisfação. Porém, o que vemos é justo o contrário, um mundo onde cada vez mais os ricos se tornam mais ricos e os miseráveis mais miseráveis. Embora esteja implícito no conceito de competição que, apesar de um ganhador, também deverá sempre haver um perdedor, o homem pós-moderno, fruto da engenhosa mente dos que estão no poder não racionaliza ou reflete sobre isto. Deixando um rastro cada vez maior de pobreza, miséria e desigualdade.

O pensar e a colaboração são tratados apenas como verbetes de dicionário, sendo comum nos dias de hoje se achar que quanto menos se pensa, mais feliz se é. Como se o conceito de felicidade, como um estado pleno e, por si, auto-satisfatório, fosse reduzido a

banalidades do dia-a-dia, como assistir televisão, comprar roupas em shoppings e ignorar por completo os rumos do país onde se vive. Deixando o futuro a cargo das mais sinistras premonições.

Ainda assim, o espírito humano é, por vezes, otimista, assim como seu caráter é capaz de assumir contornos de indignação e da vontade de lutar por uma alternativa que considere melhor. É neste estado de espírito que se encontram muitas das vozes anteriormente silenciosas, mas que agora, começam a soltar seu grito por mudança. Quando estes insatisfeitos percebem que não estão sozinhos em sua luta, se dá sua união. Capaz de amedrontar e, por que não, derrubar os mandatários do sistema vigente.

Neste sentido, o objetivo do presente trabalho é compreender as mudanças que levaram o mundo a chegar neste patamar de uma pós-modernidade desigual e excludente e propor mudanças que possam contornar este caráter injusto e a barbárie disfarçada de paz em que vivemos.

Tendo isto em mente, no capítulo 2 do trabalho, far-se-á uma análise do mundo pós-moderno e de seus pilares, o neoliberalismo e a globalização. Além disso, faremos uma proposição de alternativas capazes de superar o pós-modernismo por novos caminhos, o Altermundismo, a Democracia Participativa e a Economia Solidária.

Por sua vez, o capítulo 3 tem por objetivo apresentar uma nova forma de Administração, que coloque a colaboração e a igualdade entre os homens como fomentadores de um novo tempo de prosperidade. Trata-se da Administração Cooperativa, modelo de autogestão operária, e sua eficácia acerca da produção.

Depois disso segue o capítulo 4, onde faremos um estudo de um caso extremamente relevante para a concepção da Administração Cooperativa e do Altermundismo. O estudo será feito analisando o caso real da cerâmica argentina Zanon, que passou por momentos de distúrbio, causados pelas péssimas condições de trabalho, que levaram os próprios trabalhadores a, de forma pacífica, se insubordinarem contra seus patrões e tomarem o controle da fábrica, implantando um modelo de autogestão.

Fechando o trabalho, como de praxe, é apresentada a conclusão

2. ALTERMUNDISMO – UMA NOVA GLOBALIZAÇÃO

2.1 –*Características do Mundo Pós-Moderno.* – 2.2 –*Superação deste Mundo.*

2.1 Características do Mundo Pós-Moderno

Pode-se dizer que a humanidade, durante a segunda metade do século XX, assistiu a um processo sem precedentes de mudanças na história do pensamento e da técnica. Ao lado da aceleração avassaladora nas tecnologias de comunicação, de artes, de materiais e de genética, ocorreram mudanças paradigmáticas no modo de se pensar a sociedade e suas instituições. Se antes o homem moderno estava estacionado e bem protegido sob a égide do Estado, no que ficou conhecido como o *Welfare State*¹ (Estado de Bem Estar Social), a pós-modernidade conseguiu tirá-lo da letargia em que se encontrava, ao passo em que tomou dos Estados-nação a incumbência de regulador e fiscalizador da economia, fazendo das grandes corporações uma espécie de arautos de uma nova era, apontando para a possibilidade de um futuro onde os grandes conglomerados serão os responsáveis por definir o futuro da economia e da política dos países, tornando o Estado um mero observador.

Tais corporações, compostas pelos maiores bancos e empresas mundiais, apesar de possuírem sua sede física em determinadas cidades, agem ao redor de todo o globo, não havendo distinção por fronteiras ou preferência por mercados específicos. São reconhecidas por empregar, cada uma, um grande contingente de trabalhadores e por gerar produtos e serviços relevantes aos consumidores de hoje. Sua tecnologia é dita vital nestes tempos, mesmo não sendo assim alguns anos ou décadas atrás. Se opõem à iniciativa do Estado na economia, como regulador dos mercados, fiscalizador das leis trabalhistas, ou ainda como participante, através de estatais, simplesmente por entenderem que a livre-iniciativa, ou a mão-invisível² de Adam Smith, é ainda o melhor meio para se obter a prosperidade

¹ Tipo de organização política e econômica que coloca o Estado-nação como agente da promoção (protetor e defensor) social e organizador da economia.

² Termo introduzido pelo economista e filósofo Adam Smith em "*A Riqueza das nações*" (1776) para descrever como numa economia de mercado, apesar da inexistência de uma entidade coordenadora do interesse comunal, a interação dos indivíduos parece resultar numa determinada ordem, como se houvesse uma "mão invisível" que os orientasse.

econômica e social. As mais poderosas possuem influência nos diversos governos de vários países, seja por *lobby* ou por financiarem campanhas de parlamentares eleitos. Sua relevância, crescente ao longo do século XX e XXI, é melhor compreendida ao se analisar os fenômenos e movimentos que se passaram com o capitalismo pós Guerra Fria, ou nos eventos que ocorreram após a queda do Muro de Berlim, em 1989.

Com o fim da Guerra Fria, nos últimos anos da década de 1980, a impressão que se tinha era de estabilidade econômica e política entre os países. Com o fim da ameaça comunista, representada pela União Soviética, não haveria mais a necessidade de grandes investimentos no setor bélico e um novo mercado consumidor, reconfigurado com a volta da Rússia e pela reunificação da Alemanha, traria novas possibilidades de se escoar a produção crescente dos diversos países capitalistas. O fenômeno da Globalização, representado pelos processos de aprofundamento da integração econômica, social, cultural e política, entre os países, e que teria sido impulsionado pelo barateamento dos meios de transporte e comunicação pelo mundo no final do século XX, dava mostras de que a união dos povos seria sim, possível, acaso não fossem os interesses das grandes corporações em garantir e maximizar seus lucros, respaldados por governantes ansiosos em também lucrar com uma nova ordem mundial. Se já não haviam mais guerras a serem travadas, outras deveriam ser criadas para satisfazer a busca incessante pelo acúmulo de capital. Na medida em que as guerras são úteis para escoar a produção da indústria bélica e na criação de novas tecnologias. Novas propostas econômicas também deveriam ser criadas para aumentar a força das corporações, diminuindo a intervenção dos Estados.

Em 1989, foram formulados um conjunto de medidas por economistas de instituições financeiras baseadas em Washington D.C., como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, fundamentadas num texto do economista John Williamson, do *International Institute for Economy*, e que se tornou a política oficial do FMI em 1990, quando passou a ser receitado para promover o ajustamento macroeconômico dos países em desenvolvimento que passavam por dificuldades. Este conjunto de medidas ficou conhecido como o Consenso de

Washington e traçou as bases para o neoliberalismo³, um pilar essencial do mundo pós-moderno.

Valendo-se de regras a serem adotadas pelos diversos países, o Consenso de Washington propunha, por exemplo, a abertura das fronteiras comerciais, privatização de empresas estatais, desregulamentação das leis econômicas e trabalhistas e redução dos gastos públicos. Os países que cumpriam tais regras receberiam, em troca, empréstimos do Fundo Monetário Internacional em momentos de crise, e teriam seus mercados bem avaliados e recomendados, atraindo novos investidores estrangeiros. Estas medidas, chamadas de neoliberais, foram inseridas em diversos locais, tendo no Brasil seu ápice durante os oito anos de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), responsável pela privatização de importantes estatais como a Companhia Vale do Rio Doce e pelo afrouxamento nos gastos públicos, com reflexos na saúde e educação públicas, tudo isto ocorrendo enquanto o país recebia empréstimos substanciais do FMI. Se externamente, o Brasil dava sinais de recuperação econômica, resultado da estabilidade monetária do Real, em parte, devido ao compromisso com as metas fixadas pelo Fundo Monetário, internamente o Brasil acirrou sua crise social, aumentando a desigualdade de renda, com visível piora nos serviços públicos, um período forçoso de racionamento de energia, recordes de desemprego e aumento da violência urbana.

A Globalização, por sua vez, representa um fenômeno extremamente relevante para a compreensão do mundo pós-moderno, ao garantir a abertura das fronteiras dos países e a subsequente aproximação entre eles. Isto faz com que corporações com base em países da Europa, por exemplo, possam ingressar no mercado Sul Americano, levando seus produtos por todo o globo. Ocorre que não são apenas os produtos que conseguem atravessar as finas barreiras que separam territórios dos Estados-nação; costumes e cultura também são exportados, fazendo com que povos, anteriormente com costumes bem definidos, passem a se comportar de uma forma que não lhes é característica. Um caso recorrente no pós-modernismo é o da exportação da cultura Norte-Americana, em via única, para diversos países. A “americanização”, como é conhecido este fenômeno, é uma forma de se

³ Também chamado de Liberalismo Neoclássico, pode ser compreendido como o conjunto de idéias políticas e econômicas que defende a não participação do estado na economia. De acordo com esta doutrina, deve haver total liberdade de comércio (livre mercado), pois este princípio garante o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país.

padronizar a cultura, fazendo, por exemplo, com que jovens brasileiros comemorem a festa do “*Halloween*”⁴, sem nem saber o que esta significa, incentivando a aprendizagem do inglês como segunda língua e tornando os filmes produzidos em Hollywood mais acessíveis aos brasileiros do que o cinema nacional. É de especial interesse para as grandes corporações que assim seja, tornando mais fácil sua tarefa de vender. Ora, com a aculturação dos povos pelos costumes Norte-Americanos, não haverá a necessidade de se adaptar as marcas e produtos para cada mercado, reduzindo custos e ampliando vendas.

Sobre o papel dos Estados Unidos nestes tempos, é correto afirmar que possuem uma posição privilegiada entre os povos. Seja decorrente dos eventos que sucederam as duas guerras mundiais, pela determinação pós Bretton Woods de se estipular o Dólar como moeda de troca internacional ou pela conquista da Guerra Fria, onde os EUA eram tidos como líder do bloco capitalista. Porém, uma das idéias-chave desse estudo, a de que o poder dos maiores bancos e empresas é fator impulsionador das grandes transformações mundiais, acaba por envolver a negação da possibilidade de um novo modelo de supremacia e liderança global. De acordo com essa tese, nem os EUA nem qualquer outro Estado-nação poderá ser o centro de um novo projeto imperialista, mesmo porque o Imperialismo acabou.

A tese acima mencionada pode ser explicada ao se analisar outro fator chave, e que certamente é uma característica do mundo pós-moderno, que é a diminuição ou a alteração do conceito de soberania nacional. Se em séculos passados, durante os tempos do colonialismo europeu e crescente expansão econômica, os limites territoriais delimitavam o centro de poder de um país a partir do qual era exercido o controle sobre territórios externos por meio de um sistema de canais e barreiras que, sucessivamente, facilitavam e obstruíam o fluxo de produção e circulação, tais limites de território já não significam proteção significativa. Segundo Michael Hardt e Antonio Negri:

É fato que, em sintonia com o processo de globalização, a soberania de Estados-nação, apesar de ainda eficaz, tem gradualmente diminuído. Os fatores primários de produção e troca – dinheiro, tecnologia, pessoas e bens – comportam-se cada vez mais à vontade num

⁴ O *Halloween* é uma festa comemorativa celebrada todo ano no dia 31 de outubro. Surgiu entre o povo celta, que acreditavam que no último dia do verão (31 de outubro, no hemisfério Norte), os espíritos saíam dos cemitérios para tomar posse dos corpos dos vivos. Para assustar estes fantasmas, os celtas colocavam, nas casas, objetos assustadores como, por exemplo, caveiras, ossos decorados, abóboras enfeitadas entre outros.

mundo acima das fronteiras nacionais; com isso é cada vez menor o poder que tem o Estado-nação de regular esses fluxos e impor sua autoridade sobre a economia.⁵

Com a menor participação do Estado como interventor e regulador dos mercados, e pela ineficiência das empresas garantirem por si só os avanços sociais, países antes tidos como primor em qualidade de vida vêm apresentando uma série de problemas anteriormente correlatados ao 3º mundo. É o caso dos EUA, com índices alarmantes de desemprego e expansão da violência urbana, especialmente nos estados do sul, como a Lousiana e o Novo México e da França, na própria Paris nos seus guetos. A desigualdade de renda, realçada por salários cada vez mais baixos para maioria e mais altos para a pequena elite, também torna possível o surgimento de áreas de 1º mundo em países subdesenvolvidos. Como o bairro do Leblon, no Rio de Janeiro ou da Recoleta, em Buenos Aires. Um outro grave problema social que acomete tanto os países desenvolvidos quanto os em desenvolvimento é o desemprego estrutural. Com o avanço da tecnologia, sobretudo a robótica e a informática, surgiram novas formas de se organizar o trabalho e a produção, reduzindo a oferta de emprego em setores como a indústria e a prestação de serviços. As novas tecnologias substituem a força de trabalho do homem, conseguindo aumentar os níveis de produção de produtos e barateando seus custos. Para esta massa falida e desempregada, substituída por robôs e computadores de última geração, resta apenas apelar para os bancos e agiotas, conseguindo empréstimos utilizando seus bens-materiais, como uma eventual casa própria, como garantia. Por já não conseguirem outro trabalho no curto espaço de tempo, como ocorre na grande parte dos casos, tais pessoas acabam por perder suas posses para as instituições financeiras.

Interessante notar o papel de tais instituições neste cenário. Desde a introdução dos cartões de crédito há cerca de trinta anos atrás, com o slogan “Não adie a realização do seu desejo”, que pessoas com renda inferior à do valor dos bens que almejam, não precisam mais esperar para o terem. Basta adquirir em diversas prestações e a uma elevada taxa de juros, mesmo que no fim isto signifique que se esteja pagando quase o dobro do valor do produto à vista. Quando uma pessoa recorre a um banco por um empréstimo, certo é que a

⁵ HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. *Império*. Ed, Record. São Paulo, 2006. p.11.

última coisa que o credor deseja é reaver seu dinheiro de imediato. O filósofo Zygmunt Bauman, em uma de suas análises, diz que:

O que nenhuma publicidade declarava abertamente, deixando a verdade a cargo das mais sinistras premonições dos devedores, era que os bancos credores realmente não queriam que seus devedores pagassem suas dívidas. Se eles pagassem com diligência os seus débitos, não seriam mais devedores. E são justamente os débitos (os juros cobrados mensalmente) que os credores modernos e benevolentes (além de muito engenhosos) resolveram e conseguiram transformar na principal fonte de lucros constantes. O cliente que paga prontamente o dinheiro que pediu emprestado é o pesadelo dos credores.⁶

Em virtude dos fatos até aqui apresentados, percebe-se que o pós-modernismo não é a forma mais humana e igualitária de se buscar um futuro melhor. Não é justo e tampouco correto que o destino de tantos se concentre nas mãos de tão poucos. Correto afirmar que não há como negar a importância e o papel dos grandes conglomerados nos anos que estão por vir, porém, é de vital importância equilibrar o poder destes com a vontade da maioria.

2.2 Superação deste Mundo

Há séculos que filósofos e pensadores criam teorias que propõem substituir o capitalismo como sistema econômico vigente. Um dos mais relevantes pensadores a ser mencionado é Karl Marx (1818-1883), um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista, em que contesta a propriedade dos meios de produção pelos capitalistas. Para Marx, a classe trabalhadora, chamada também de proletária, deveria lutar pelos meios de produção. Considerava que toda revolução é necessariamente violenta, ainda que isso dependa, em maior ou menor grau, da constrição ou abertura do Estado. A necessidade de violência se justifica porque o Estado tenderia sempre a empregar a coerção para salvaguardar a manutenção da ordem sobre a qual repousa seu poder político, logo, a insurreição não tem outra possibilidade de se realizar senão atuando também violentamente. Diferente do apregoado pelos pensadores contratualistas, para Marx o poder político do Estado não emana de algum consenso geral, é antes o poder de uma classe particular que se afirma em detrimento das demais.

⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo Parasitário*. Ed, Zahar. Rio de Janeiro, 2009. p. 14.

Para Marx, a revolução social, política e jurídica é preparada por processos evolutivos de cunho objetivo, marcados pelo acirramento da contradição entre, por um lado, o desenvolvimento das forças produtivas, e, por outro lado, os limites impostos por relações de produção que ficam envelhecidas

Numa certa etapa do seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é apenas uma expressão jurídica delas, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham até aí movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se em grilhões das mesmas. Ocorre então uma época de revolução social.⁷

Embora a teoria Comunista tenha servido de inspiração para importantes fatos da história da humanidade, tais como a Revolução Russa, de 1917, ou ainda a Revolução Cubana, de 1959, a mesma história tratou de mostrar que tais revoluções não são auto-sustentáveis. Em parte por motivos endógenos, como a incapacidade do Estado coordenar as relações econômicas sem o auxílio da iniciativa privada, e, principalmente, a dificuldade dos Estados socialistas em lidar com as questões políticas da mediação democrática de interesses conflitantes; em parte por motivos exógenos, tais quais a incapacidade das potências capitalistas em coexistir em paz com países socialistas. O que levou o mundo ao estado de “paz armada”, durante a Guerra Fria.

A idéia da luta armada, como única forma de se alcançar a superação deste mundo é também precipitada, ainda mais quando percebemos que vivemos em uma democracia. Seria o diálogo, o embate entre idéias e a apresentação de novas propostas, um meio muito mais seguro e eficiente do que a guerra civil. Ainda que existam problemas na democracia, que a tornam relativamente incapaz de construir uma nova ordem, a proposta não seria rejeitar a democracia, mas procurar aperfeiçoá-la, fazendo com que dela participem, de forma efetiva, os mais diversos grupos da sociedade.

Existem também os que consideram a volta do *Welfare State*, como saída para o pós-modernismo. Apregoando que a iniciativa privada é absolutamente necessária, desde que o Estado consiga regulamentar e fiscalizar suas operações. Alguns países,

⁷ MARX, Karl. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. Ed, Expressão Popular. São Paulo, 2007. Prefácio.

especialmente os localizados na península escandinava (Suécia, Noruega e Finlândia), utilizam um sistema bem similar ao do antigo *Welfare State*, com altos impostos em troca de serviços públicos de qualidade para todos. Estas políticas sociais, oriundas do Estado, seriam uma forma de se polir as arestas da iniciativa privada, na sua incessante busca pelo lucro máximo.

O que de fato ocorre em vários países é uma desvirtuação do contexto de Estado de Bem-Estar Social. No Brasil, por exemplo, paga-se uma alta carga tributária, digna dos moldes do *Welfare State*, porém, não há a contrapartida social. Serviços públicos essenciais como saúde, educação e até mesmo saneamento básico, ainda são um problema para os brasileiros. Os mais pobres pagam uma carga tributária proporcional ao seu salário, assim como os ricos. Porém, o peso dos tributos é muito maior sobre o pequeno montante dos mais humildes, e os serviços públicos são muito mais desenvolvidos e dignos nos bairros da elite, onde existe maior policiamento e o saneamento básico não significa nenhum transtorno.

Fato é que tanto a doutrina comunista de Marx quanto as políticas sociais do *Welfare State*, respectivamente, são respostas à mesma pergunta: o que pode substituir ou amenizar o caráter nocivo e selvagem do capitalismo? Este trabalho propõe uma união de outras formas de pensamento, como o *Altermundismo*, a *Economia Solidária* e a *Democracia Direta*, pilares do que viria a ser a superação do pós-modernismo.

Em 2001, na cidade de Porto Alegre, ocorreu o primeiro Fórum Social Mundial (FSM). Trata-se de um evento anual, de caráter altermundialista (ou altermundista) organizado por movimentos sociais de diversos continentes, com objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global. Seu slogan é “*Um outro mundo é possível*”. Atualmente em sua décima edição, o FSM é um movimento que reivindica o fim de acordos comerciais e do livre trânsito de capital. Opõem-se ainda os antiglobalistas, como também são chamados os manifestantes desta linha de pensamento, à formação de blocos comerciais como o NAFTA e a ALCA e ao neoliberalismo vigente. Outros manifestam preocupação com danos ao meio ambiente e aos direitos humanos, entre outros fatores que julgam serem produto da globalização capitalista. Sobre o Fórum Social Mundial:

O FSM é um espaço de debate democrático de idéias, aprofundamento da reflexão, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo. Após o primeiro encontro mundial, realizado em 2001, se configurou como um processo mundial permanente de busca e construção de alternativas às políticas neoliberais.⁸

O Altermundismo contrapõe-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. Trata-se de uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de todos os cidadãos em todas as nações e o meio ambiente, apoiado em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos.

Neste âmbito de uma nova globalização, o Estado, como o conhecemos, não seria o único fiscalizador e coordenador das mudanças. Longe de ser uma rendição à teoria Stalinista de uni partidarismo e fim da iniciativa privada, este trabalho, ao contrário, concerne a uma nova forma de se aumentar a participação popular, fazendo dos cidadãos de um país os reais mandatários de seu destino, havendo espaço para o Estado e a iniciativa privada coexistirem. Enquanto o Brasil vive uma crise de representatividade em sua democracia representativa, justamente pelo fato de que muitos dos governantes eleitos são constantemente acusados de improbidade administrativa, fica uma clara sensação de impunidade no ar. Passam-se os anos e os prometidos avanços sociais, reiterados a cada eleição, são novamente prometidos. Se a democracia é ainda a melhor forma de se organizar a sociedade, fato é que a mesma se encontra desvirtuada de seu real sentido, tornando o governo do povo o governo dos poucos.

Como o real sentido da palavra democracia foi sendo esvaziado ao longo dos tempos, e foi sendo reduzido à mera escolha de dirigentes, sem participação efetiva da sociedade civil organizada na administração de seus respectivos governos eleitos, este trabalho pretende refletir sobre uma forma de se organizar a democracia participativa, como

⁸ Disponível em www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=19&cd_language=1

regime onde se pretende que existam efetivos mecanismos de controle da sociedade civil sobre a administração pública, não se reduzindo o papel democrático apenas ao voto, mas também estendendo a democracia para a esfera social. A democracia direta, ou participativa, é considerada como um modelo ou ideal de justificação do exercício do poder político pautado no debate público entre cidadãos livres e em condições iguais de participação. Advoga que a legitimidade das decisões políticas advém de processos de discussão que, orientados pelos princípios da inclusão, do pluralismo, da igualdade participativa, da autonomia e da justiça social, conferem um reordenamento na lógica de poder político tradicional. Um exemplo de democracia participativa é o orçamento participativo, que tem o intuito de submeter o destino de parte dos recursos públicos à consulta pública, através de reuniões comunitárias abertas aos cidadãos, onde primeiro são coletadas propostas, depois votadas as prioridades, e encaminhadas ao governo para que ele atenda a solicitação através de investimento público. Algumas cidades, como é o caso de Rosário, na Argentina, já utiliza um sistema similar. Outra característica da democracia participativa, seria a convocação de plebiscitos e referendos. O plebiscito seria uma consulta ao povo antes de uma lei ser constituída, de modo a aprovar ou rejeitar as opções que lhe são propostas; já o referendo é uma consulta ao povo após a lei ser constituída, em que o povo ratifica ("sanciona") a lei já aprovada pelo Estado ou a rejeita. O modelo de representação ainda existiria, porém, subjugado à vontade popular.

Por fim, como o neoliberalismo não conseguiria coexistir num plano Altermundista e com traços de Democracia Participativa, a resposta adotada seria o sistema de Economia Solidária. A Economia Solidária é um modo específico de organização de atividades econômicas. Ela se caracteriza pela autogestão, ou seja, pela autonomia de cada unidade ou empreendimento e pela igualdade entre os seus membros. Existem diferentes autores que se dedicam à conceituação da Economia Solidária, sendo que um dos principais é o economista Paul Singer. Singer propõe que a economia solidária seja uma estratégia possível de luta contra as desigualdades sociais e o desemprego:

A construção da economia solidária é uma destas outras estratégias. Ela aproveita a mudança nas relações de produção provocada pelo grande capital para lançar os alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista. Tudo leva a acreditar que a economia solidária

permitirá, ao cabo de alguns anos, dar a muitos, que esperam em vão um novo emprego, a oportunidade de se reintegrar à produção por conta própria individual ou coletivamente⁹

Na visão de Singer, a competição enraizada no neoliberalismo entre os agentes econômicos, ocorre sem levar em conta os graves efeitos sociais que isso gera. Para resolvê-los, é preciso deixar de lado a competição e seguir rumo a uma economia em que os participantes da atividade econômica cooperem entre si, solidariamente, em busca de uma situação que favoreça o bem comum e o desenvolvimento social da humanidade como um todo. Pode-se dizer que a definição da Economia Solidária está ligada à relação entre o trabalhador e os meios de produção, sendo que a empresa solidária nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção, que é reconhecidamente a base do capitalismo. A empresa solidária é basicamente de trabalhadores, que apenas secundariamente são seus proprietários. Por isso, sua finalidade básica não é maximizar lucro, mas a quantidade e a qualidade do trabalho. Como o lucro e a competição seriam substituídos por um senso de cooperação e qualidade do trabalho, os seguidos danos ao meio-ambiente, causados por uma lógica de acúmulo de capital, que vêm desde os tempos do mercantilismo até o neoliberalismo de hoje, haveriam de decrescer cada vez mais.

⁹ SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. Ed, Perseu Abramo. São Paulo, 2002. p. 138

3. ADMINISTRAÇÃO COOPERATIVA. A LÓGICA DA COLABORAÇÃO

3.1 – Definição de um modelo Cooperativo de Administração. – 3.2 –Eficácia.

3.1 Definição de um modelo Cooperativo de Administração

Se a Revolução Industrial trouxe como grande benefício, a possibilidade de se produzir mais e melhor, com novas máquinas e ferramentas, a contrapartida ficou por conta da falta de padrões e da improvisação demasiada no que tange à administração em seu todo. Segundo o filósofo Idalberto Chiavenato, um dos motivos que levaram ao início dos estudos sobre a ciência da administração é explicado por:

O crescimento acelerado e desorganizado das empresas, ocasionando uma gradativa complexidade em sua administração e exigindo uma abordagem científica e mais apurada que substituísse o empirismo e a improvisação até então dominantes. O aumento do tamanho das empresas leva a substituição das teorias de caráter totalizante e global por teorias microindustriais de alcance médio e parcial. Com a grande empresa com dimensões mais amplas surgem as condições iniciais de planejamento da produção, reduzindo a improvisação.¹⁰

Foi com o início dos estudos sobre a Administração, inicialmente com os esforços de Frederick Taylor, que se tem buscado a forma mais produtiva e lucrativa de se gerenciar uma empresa ou fábrica. Taylor é considerado o "Pai da Administração Científica" por propor a utilização de métodos científicos cartesianos na administração de empresas. Seu foco era a eficiência e eficácia operacional na administração industrial.

Taylor iniciou o seu estudo observando o trabalho dos operários. Sua teoria seguiu um caminho de baixo para cima, e das partes para o todo; dando ênfase na tarefa. Para ele a administração tinha que ser tratada como ciência. Desta forma ele buscava ter um maior rendimento do serviço do operariado da época, o qual era desqualificado e tratado com

¹⁰ CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução a Teoria Geral da Administração*. Ed, Elsevier. Rio de Janeiro, 2004. p. 49

desleixo pelas empresas. Não havia, na época, interesse em qualificar o trabalhador, diante de um enorme e supostamente inesgotável "exército industrial de reserva". O estudo de tempos e movimentos mostrou que um exército industrial desqualificado significava baixa produtividade e lucros decrescentes, forçando as empresas a contratarem mais operários. Taylor tinha o objetivo de acelerar o processo produtivo, ou seja, produzir mais em menos tempo, e com qualidade.

Embora a visão *Taylorista* tenha trazido inegáveis avanços operacionais e que em muito contribuíram para o desenvolvimento da Administração, sua visão limitada e estereotipada do homem, simbolizada pelo conceito de *Homem Econômico*, é por vezes errônea e simplória. Segundo esse conceito, toda pessoa é concebida como influenciada exclusivamente por recompensas salariais, econômicas e materiais. Por isso, o homem procura o trabalho, não porque gosta dele, mas como um meio de ganhar a vida por meio do salário que o trabalho proporciona. Assim as recompensas salariais e os prêmios de produção influenciam os esforços individuais do trabalho, fazendo com que o trabalhador desenvolva o máximo de produção de que é fisicamente capaz para obter um ganho maior. Tal teoria abstrai por completo o clima organizacional e as aspirações subjetivas que todos possuem.

Posteriormente outras teorias foram criadas para tentar aperfeiçoar a forma de se gerenciar uma empresa. Um importante avanço ficou por conta da Teoria das Relações Humanas. Ao incluir dentre seus objetos de estudo fatores como a motivação humana, a organização informal e a ênfase nas pessoas, tal teoria trouxe uma nova abordagem administrativa, assim como o conceito de *Homem Social*, que pode ser explicado como:

Os precursores da Administração Científica se baseavam no conceito de *Homo Economicus* – pelo qual o homem é motivado e incentivado por estímulos salariais – e elaboravam planos de incentivo salarial para elevar a eficiência e baixar os custos operacionais. Para a Teoria das Relações Humanas, a motivação econômica é secundária na determinação do rendimento do trabalhador. Para ela, as pessoas são motivadas pela necessidade de “reconhecimento”, de “aprovação social” e “participação” nas atividades dos grupos sociais nos quais convivem. Daí o conceito de Homem Social.¹¹

¹¹ Ibid., em 106

Segundo Chiavenato, a Teoria das Relações Humanas tem suas origens nos seguintes fatos:

1. A necessidade de humanizar e democratizar a Administração, libertando-a dos conceitos rígidos e mecanicistas da Teoria Clássica e adequando-a aos novos padrões de vida do povo americano. Nesse sentido, a Teoria das Relações Humanas se revelou um movimento tipicamente americano e voltado para a democratização dos conceitos administrativos. 2. O desenvolvimento das ciências humanas, principalmente a psicologia, bem como sua crescente influência intelectual e suas primeiras aplicações à organização industrial. As ciências humanas vieram a demonstrar a inadequação dos princípios da Teoria Clássica.¹²

Porém, nem a Administração Científica ou a Teoria das Relações Humanas conseguiu aliar a satisfação econômica, profissional e pessoal de chefes e empregados.

Uma tentativa neste sentido fica por conta do modelo cooperativo de Administração. Embora a Administração Cooperativa tenha ingredientes tradicionais das organizações de hoje, como hierarquia e departamentalização, por exemplo, ela segue moldes que divergem profundamente do que é praticado pelo *status quo*.

Inicialmente, a Administração Cooperativa é concebida sem a dualidade entre o patrão (aquele que é o dono dos meios de produção) e o trabalhador (aquele que vende sua força de trabalho em troca de uma remuneração). Neste modelo, o trabalhador é também, dono da empresa ou fábrica onde trabalha. Assim sendo, além de um papel resumido pela função que o mesmo ocupa na cadeia de produção, ele agora acumula funções de decisão e planejamento, sendo o principal *Stakeholder* de sua Companhia. Antes de nos aprofundarmos no tema da Administração Cooperativa, é interessante um prefácio de como este modelo foi concebido, tendo como pai o industrial e filósofo inglês Robert Owen.

Robert Owen (1771 - 1858) começou a trabalhar como auxiliar de alfaiate, e sua contribuição nasceu da própria experiência em uma fábrica de fios de sua propriedade em New Lanark, Escócia, onde observou que a maioria das pessoas trabalhava e vivia em péssimas condições de higiene e moradia. Tornou-se sócio da empresa e ali instalou uma

¹² Ibid., em 102

comunidade inspirada nos ideais utópicos: melhorou as casas, criou um armazém em que se podiam comprar mercadorias a preço módico, promoveu o estrito controle das bebidas alcoólicas reduzindo o vício e o crime, e fundou a primeira escola maternal britânica.

Montou uma fiação no centro de uma comunidade operária, e promoveu a organização de serviços comunitários de educação, saúde e assistência social. A comunidade passou, então, a se autogerir com todos os integrantes pertencendo à mesma classe. No lugar de dinheiro circulavam vales correspondentes ao número de horas trabalhadas. Rico e influente, empenhou-se junto aos poderes públicos para melhorar as condições de trabalho, reduzir a jornada e regulamentar o trabalho de menores, pregou a formação de cidades-cooperativas, ou comunidades autônomas de trabalhadores, como solução para a questão social. Acerca do pensamento de Owen, o filósofo Martin Buber diz:

Owen sabe que o que se pretende em definitivo é uma transformação de toda ordem social e, especialmente, das relações entre governantes e governados. Até hoje, o interesse dos que governam sempre pareceu, e nos atuais sistemas sempre parecerá, contrário ao daqueles aos quais governam. Isso continuará sendo assim, enquanto o homem permanecer individualizado, enquanto a sociedade não se edificar à base de vinculações autênticas entre os indivíduos. Essa transformação será efetuada, antes, em cada uma das aldeias comunais projetadas, expandindo-se, mais tarde, para atingir a totalidade.¹³

Embora a experiência e a lição dadas por Owen sejam de extrema relevância e digna de um estudo mais aprofundado por si só, fato é que outros industriais de sua época não se interessaram por seu modelo cooperativo. Embora a lucratividade e a produtividade de suas indústrias tenham aumentado, isto por si não foi capaz de tirar a mentalidade vigente e, que perdura até os dias de hoje, que a distinção entre patrões e empregados deve ser mantida como fator-chave para o sucesso organizacional.

O modelo cooperativo pode ser considerado como uma forma de autogestão, que ocorre quando um organismo é administrado pelos seus participantes em regime de democracia direta. Em autogestão, não há a figura do patrão e as decisões podem tanto ocorrer por consulta, quando assim o tamanho da organização permitir, ou por um conselho

¹³ BUBER, Martin. *O Socialismo Utópico*. Ed, Perspectiva. São Paulo, 1971. p. 34

deliberativo, votado e legitimado pelos demais trabalhadores. Os salários podem ser decididos pelo Recursos Humanos da cooperativa, podendo ser igual ou não a todos. Certo é, que as grandes disparidades entre os que trabalham nos níveis operacional e institucional já não existem neste sistema.

A organização continuaria a operar seguindo certos princípios e padrões de hoje. Ainda haveria a hierarquia, como distinção entre aquele que é mais e os que são menos preparados para desempenhar uma função, seja devido à experiência ou estudo. Porém, tal relação não exclui os que estão em uma categoria hierárquica menor de suas possibilidades de se conduzir e planejar os rumos do organismo. Todos são iguais e detêm os mesmos direitos e deveres para a organização. O conselho deliberativo, caso haja, poderá tomar decisões em nome de todos os trabalhadores, havendo a possibilidade de um referendo para garantir a legitimidade de tal decisão e eleições periódicas para se renovar este conselho.

Ocorre que o principal avanço da Administração Cooperativa se baseia na mudança da mentalidade de competição vigente para um pensamento colaboracionista. Sobre este tema, pode-se afirmar que a competição predatória e individualista, intrínseca na sociedade nos dias de hoje é crescente. O capitalismo se alimenta da competição. Sem esse processo o sistema econômico atual estaria morto. Diz-se que a competição estimula o desempenho e melhora a qualidade dos trabalhos, serviços e produtos. Todavia, quando é predatória como no mundo atual, ou seja, quando considera as metas a serem atingidas mais importantes do que o processo utilizado para atingi-las, torna-se desumana e destrutiva. Acaba assim, por anular os valores altruístas da inteligência, assim como a humanidade dos competidores. A necessidade do sucesso e o medo do fracasso são constantemente evocados para que se alimente e perpetue este clima individualista que coloca o homem contra seu próximo.

Sobre a colaboração ou cooperação, no contexto da economia e sociologia é definida como uma relação baseada na colaboração entre indivíduos ou organizações, no sentido de alcançarem objetivos comuns ou compartilhados. Uma sociedade bem ordenada só pode se manter como tal se houver a cooperação entre seus membros. Cooperar com o outro é um aspecto do altruísmo que pode ser explicado, mesmo entre agentes egoístas, sem perda de consistência, por conta dos efeitos da reciprocidade exigida pelas partes e que

fundamenta princípios éticos fortes como a conhecida Regra de Ouro: faça ao outro aquilo que gostaria que fizesse a si mesmo.

O que ocorre no sistema neoliberal é justamente a exacerbação de um pensamento individualista e de competição, sendo o oposto do que a Administração Cooperativa pretende. O ser humano passa a ser instrumentalizado como uma ferramenta na busca incessante pelo lucro. Neste aspecto, o Altermundismo, já explicado, é um ambiente propício para a mudança de pensamento. Como o filósofo Immanuel Kant nos ensina, em uma das formulações do seu imperativo categórico, o homem é, e sempre deve ser visto como, um fim em si mesmo. Mais precisamente, o que é fim em si mesmo é o potencial humano para o exercício da racionalidade, que inclui exercício da criatividade, da engenhosidade, da capacidade de entrar em entendimento com os outros e de seguir a norma de conduta coletivamente produzida e aceita. Assim sendo, tal potencial para o exercício pleno da racionalidade não pode servir de mera ferramenta para que se alcance o objetivo do lucro. O neoliberalismo, em sua raiz, é imediatamente contrário à dignidade humana.

Por fim, a Administração Cooperativa visa a qualidade de vida do trabalhador assim como a qualidade do produto final. O lucro é buscado seguindo padrões éticos que não contrariem o bem-comum ou a natureza onde vivemos. É um avanço que possui, como pré-requisito, uma profunda mudança no pensamento e comportamento do homem. Só sendo possível quando este se reconhecer como pessoa, e não como ferramenta.

3.2 Eficácia

Segundo Chiavenato (2004), o conceito de eficácia pode ser explicado como sendo atingir objetivos e resultados. Um trabalho eficaz é proveitoso e bem-sucedido. Embora a simples menção de um modelo cooperativo soe como sendo algo amador e desorganizado para alguns, tal versão não corresponde à realidade.

O que ocorre de fato, no modelo cooperativo, é a colaboração entre todos os indivíduos visando à máxima qualidade do produto final. Ora, é muito mais simples atingir

objetivos cooperando do que agindo isoladamente. Além disso, a Administração Cooperativa possui uma finalidade multidimensional, isto é, envolve a dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural. Isto porque, além da visão econômica de geração de trabalho e renda, as experiências de Administração Cooperativa se projetam no espaço público, no qual estão inseridas, tendo como perspectiva a construção de um ambiente socialmente justo e sustentável, orientado para o florescimento do melhor potencial humano.

Assim sendo, pode-se dizer que a eficácia do modelo cooperativo transcende o local onde a organização opera, trazendo benefícios para comunidades vizinhas, como a construção de escolas para os filhos dos trabalhadores, casas e prédios para sua moradia, praças para lazer e todo um sistema de comércio que seria decorrente do surgimento de uma nova cooperativa, como farmácias, mercados e bares.

Estudos já traçados pela Teoria das Relações Humanas levam a crer que o trabalhador opera melhor quando se sente parte de um grupo informal, onde é aceito e querido pelos demais membros. Tal teoria é deixada de lado nas empresas de hoje, onde a pressão para se atingirem metas de produção é um fator estressante para o homem. Esta dialética acaba por nos fazer questionar os métodos que são hoje adotados. Onde a participação nos resultados é decorrente da obtenção de metas cada vez mais improváveis de serem conquistadas. Bastasse o empregador criar um ambiente de colaboração, fazendo da empresa um grande grupo em comum, o estresse do trabalhador seria menor e os objetivos continuariam sendo atendidos.

Numa visão *Foucaultiana* (que remete ao filósofo Michel Foucault¹⁴), pode-se dizer que as empresas controlam seus empregados seguindo um método denominado pelo próprio Foucault, de Vigilância Hierárquica. Neste conceito, tal vigilância existe como um sistema de poder sobre o corpo alheio, integrado por redes verticais de relações de controle, exercidas por observatórios que obrigam pelo olhar, sobre a completa visibilidade dos submetidos, produzindo efeitos de poder. Assim, desvios considerados como sendo anti-

¹⁴ Foi um importante filósofo e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France, na França.

produtivos são penalizados utilizando sanções que possam corrigir qualquer um destes desvios.

Desta forma, o trabalhador que se ausenta, atrasa, é negligente ou então desobediente, é penalizado através de sanções da própria organização, porém, também é vítima de exclusão, inicialmente por parte de seu superior e, posteriormente, do grupo do organismo onde se enquadra. Temendo o fato de serem reconhecidos como “amigos de um insubordinado”, os demais trabalhadores se afastam para não sofrerem futura repreensão.

Tal vigilância ocorre constantemente, levando o próprio trabalhador a ter um comportamento considerado aceitável, pelo simples fato de considerar estar sendo vigiado. Segundo Foucault:

É o problema das grandes oficinas e das fábricas, onde se organiza um novo tipo de vigilância. E diferente do que se realizava nos regimes das manufaturas do exterior pelos inspetores, encarregados de fazer aplicar os regulamentos; trata-se agora de um controle intenso, contínuo; corre ao longo de todo o processo de trabalho; não se efetua – ou não só – sobre a produção (natureza, quantidade de matérias-primas, tipo de instrumento utilizados, dimensões e qualidades dos produtos), mas leva em conta a atividade dos homens, seu conhecimento técnico, a maneira de fazê-lo, sua rapidez, seu zelo, seu comportamento.¹⁵

Esta forma de controle faz, por diversas vezes, o trabalhador produzir sob a sensação de medo de perder o trabalho e influenciado a se comportar de uma forma que pode não ser o seu natural. Seguindo ainda o conceito de eficácia, proposto por Idalberto Chiavenato, onde um trabalho eficaz é proveitoso e atinge seus objetivos, a fórmula do medo, adotada pelas corporações, é o considerado correto pelos diversos diretores de diferentes organizações.

Quando se observa as características fundamentais da Administração Cooperativa, analisando o fato do próprio trabalhador ser também o dono do organismo onde trabalha, haveria uma inversão no conceito da fórmula do medo. Passaríamos a ver uma diferente fórmula, onde cada funcionário tenderia a tratar seu trabalho como trata a sua casa.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Ed, Vozes. Petrópolis, 1997. p. 168

Simplesmente pelo fato de que agora ele também teria de cuidar da organização como um todo, dependendo do esforço conjunto de todos para o bom andamento do trabalho.

Não mais haveria a vigilância hierárquica pelo medo, pois esta não seria aceita internamente, por ser considerada um revés anti-produtivo e um atentado à qualidade de vida, um dos ideais do modelo cooperativo de administração. A eficácia traria consigo novos objetivos que não o lucro. Como é o caso da qualidade do trabalho, e este objetivo pode ser enquadrado na proposta kantiana de se encarar o exercício do potencial da racionalidade sempre como um fim em si mesmo, e nunca apenas como meio, da qualidade do produto final e das capacidades de se poupar a natureza e de se distribuir de uma forma justa o acúmulo de capital.

Por fim, para reforçar o conceito de colaboração, o ideal de se unir esforços em torno de um objetivo comum é superior a idéia competitiva em voga. Quando o trabalhador finalmente conseguir juntar esforços com outros, sem ter o medo interior de perder o emprego ou então sem se sentir constantemente vigiado, teremos a eficácia em sua plenitude, nas dimensões social, econômica, política, ecológica e cultural, e não no sentido esvaziado ao longo dos anos, de que a eficácia é comparável apenas e unicamente ao lucro máximo.

4. O CASO FASINPAT – FÁBRICA SEM PATRÕES

4.1 –*De Zanon a FaSinPat.* – 4.2 –*Lições de Obreiros*

4.1 De Zanon a FaSinPat

Em 1980 foi inaugurada, na província argentina de Neuquén, a cerâmica Zanon; em referência ao sobrenome do fundador Luigi Zanon. Nesta época, a Argentina ainda vivenciava seus dias de ditadura, sob o comando do General Videla¹⁶. Eram tempos de repressão e violência, com a estimativa de trinta mil pessoas entre mortos e feridos no período entre 1976 – 1983, segundo entidades ligadas aos direitos humanos.

A cerâmica Zanon iniciou sua atividade industrial e comercial no mesmo ano de 1980, com uma capacidade de produção de piso cerâmico de sessenta mil m² por mês. O fundador e dono da fábrica, Luigi Zanon, foi um grande entusiasta do período em que seu país esteve nas mãos dos militares, agradecendo inclusive ao governo militar por manter a Argentina livre e segura para investimentos, durante a parada de inauguração da fábrica. Com a chegada da década de 90, Luigi se tornou amigo pessoal do presidente Carlos Menem, conseguindo volumosos empréstimos que garantiram o crescimento econômico de sua cerâmica.

Durante a segunda metade da década de 90, o sindicato dos trabalhadores entrou em colisão com a gerência da fábrica, o que resultou em paralisações e distúrbios por toda Zanon. Enquanto os trabalhadores bradavam por melhores condições de trabalho, as condições dentro da Zanon anteriores à ocupação dos trabalhadores ocasionavam de 25 a 30 acidentes de trabalho por mês e uma morte por ano. Nos anos de produção da Zanon, até 2001, 14 operários morreram dentro da fábrica. A gerência anterior a esta data, estabeleceu regras para dividir os trabalhadores e impedir a comunicação entre os ceramistas, como

¹⁶ Jorge Rafael Videla é um ex-militar argentino, que ocupou a presidência de seu país entre 1976-1981, através de um golpe de estado que instaurou uma ditadura em seu país.

forma de controlar a organização sindical independente dos interesses da companhia. Sendo que muitos trabalhadores tiveram que organizar-se clandestinamente para ganhar o controle do sindicato. Segundo o sindicalista Carlos Villamonte:

Era muito difícil recuperar a união interna na fábrica porque tínhamos que fazê-lo clandestinamente. A empresa tinha um sistema muito repressivo. Não nos deixavam ir a outro setor, falar com os companheiros ou sequer usar o banheiro livremente. Muitas vezes, tínhamos que comunicar-nos passando notas sob a mesa na cafeteria ou caminhando através dos setores, fixando hora e lugares secretos para reunir-nos. Encontramos maneiras de evadir o controle do patrão e do burocrático sindicato.¹⁷

Percebe-se através deste relato e dos fatos acima mencionados, que a ordem vigente na cerâmica Zanon era ditada pela fórmula do medo, onde cada empregado sofria vigilância hierárquica constante e eram proibidos de se comunicar e organizar. O fator impulsor para a libertação destes operários foi a insubordinação contra seus superiores, numa forma de questionar porque eles produziam, dando sangue, suor e lágrimas para Zanon e, em troca, recebiam baixos salários e péssimas condições de trabalho. Sobre esta incapacidade do ser humano em questionar a origem e o andamento dos fatos, o filósofo Herbert Marcuse diz:

A civilização ocidental sempre glorificou o herói, o sacrifício da vida pela cidade, o Estado, a nação; raramente indagou se a cidade estabelecida, o Estado ou a nação eram dignos do sacrifício. O tabu sobre a indiscutível prerrogativa do todo sempre foi mantido e imposto, e tem sido mantido e imposto tanto mais brutalmente quanto mais se supõe que o todo é composto de indivíduos livres. A questão está sendo agora formulada - formulada de fora - e entendida por aqueles que se recusam a fazer o jogo dos afluentes; é a questão de saber se a abolição desse todo não será uma pré-condição para a emergência de uma cidade, Estado, nação, verdadeiramente humanos.¹⁸

Em 1998, o movimento sindical de trabalhadores comuns na fábrica ganhou o controle do sindicato de ceramistas. A luta culminou com o fechamento da cerâmica, por parte dos donos da empresa, em 2001. Os trabalhadores foram demitidos e a fábrica fechou, devendo o valor das indenizações e milhões em salários não pagos. A esperança dos donos era contratar, no futuro, uma mão-de-obra mais dócil. Isso levou que se instalasse um acampamento de protesto dos trabalhadores fora da fábrica. Enquanto os trabalhadores estavam acampados, um tribunal decidiu que os empregados poderiam vender um estoque

¹⁷ Disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=40947>

¹⁸ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Ed, Zahar. Rio de Janeiro, 1975. Prefácio

remanescente. Quando o estoque se esgotou, no dia 2 de março de 2002, a assembléia de trabalhadores votou por começar a produzir sem patrão. Com o sindicato tomado pelo movimento de trabalhadores comuns, muitos dos trabalhadores despedidos optaram por ocupar a fábrica e a começar a produção depois que a companhia fechou as portas.

Inicialmente, este movimento não foi vítima de retaliação por parte de Luigi Zanon, porém, com o fim da paridade 1-1 entre o dólar e o peso, ainda em 2002, e a desvalorização da moeda argentina, a cerâmica voltou a ser lucrativa, instigando a volta dos antigos donos sob o comando de Luigi. Após uma batalha judicial, a cerâmica Zanon foi expropriada e seu controle passaria às mãos dos próprios operários, que a partir de então a chamariam de FaSinPat (*Fábrica Sin Patrones*, ou Fábrica Sem Patrões, em português).

Além de ser uma vitória política, a expropriação da fábrica Zanon coloca um precedente legal em termos de legislação a favor de outras cooperativas de trabalhadores que tomaram o controle de empresas fechadas por seus donos. A lei votada em Neuquén é a primeira expropriação sem reembolso por parte dos trabalhadores. O que significa que o Estado pagará a dívida de Luigi Zanon com credores privilegiados de 22 milhões de pesos (ao redor de 7 milhões de dólares). Os principais credores incluem o Banco Mundial, que emprestou 20 milhões de dólares a Luigi, para a construção da planta e a companhia italiana SACMY, que produz maquinarias para a fabricação de cerâmicas artísticas, e a quem são devidos 5 milhões de dólares. Tais valores estavam pressionando o sistema judiciário da Argentina para que a planta fosse rematada e saldasse suas dívidas.

Toda esta atmosfera de luta, inicialmente por melhores condições de trabalho e, que viria posteriormente acarretar a expropriação da cerâmica Zanon, se tornou um fato histórico e que servirá de exemplo e inspiração para outros casos futuros. O lema da batalha, “*Zanon é do Povo*” se tornou um grito de liberdade para trabalhadores que produziam cerâmicas de alta qualidade, mas que não conseguiam uma contra-partida em termos sociais e de qualidade de vida. Cabe ressaltar que a luta dos trabalhadores não foi baseada em simples revide pessoal contra a figura do patronato, estando diretamente ligada aos objetivos políticos de toda massa trabalhadora da Zanon. Acaso não fosse desta forma, a revolta não teria sentido prático, e terminaria esmagada sem o apoio dos demais trabalhadores. Segundo Foucault:

Suponhamos que em uma fábrica qualquer exista um conflito entre um operário e um chefe e que este operário proponha aos seus camaradas uma ação de revide. Isso só será verdadeiramente um ato de justiça popular se o seu objetivo, se os seus resultados possíveis forem integrados à luta política do conjunto dos operários dessa fábrica.¹⁹

Na Argentina, mais de 13 mil pessoas trabalham em fábricas e empresas ocupadas conhecidas também como empresas recuperadas. Esses lugares que somam mais de 200 vão desde hotéis até fábricas de cerâmicas, fábricas de globos, fábricas de trajés, gráficas e companhias de transporte, bem como muitos outros negócios. Grande parte das ocupações aconteceram seguindo a crise econômica nacional de 2001, quando os níveis de desemprego subiram acima de 25% e os níveis de pobreza rondaram mais de 50%. A Zanon, como uma das primeiras e maiores ocupações de fábricas, converteu-se em símbolo para milhões de trabalhadores que perderam seus empregos durante a pior crise econômica da Argentina, na qual milhares de fábrica fecharam as portas. A cooperativa comprovou que as fábricas podem sim, produzir sem patrões.

Hoje, a FaSinPat, segundo seu web site oficial²⁰, é capaz de produzir um milhão de m² de piso cerâmico por mês, embora por conta dos efeitos da crise financeira mundial de 2009, seja levada a reduzir sua produção para fins de ajuste entre oferta e demanda. O saldo dos anos de controle operário e autogestão é positivo, pois puderam criar mais de 200 postos de trabalho, construir clínicas de saúde e casas para as famílias necessitadas, doar cerâmicas a centenas de centros culturais, bibliotecas e projetos comunitários, apoiar fundos para greves de trabalhadores que lutam por melhores condições de trabalho, criar uma rede de movimentos sociais, desenhar uma assembléia democrática e um sistema de coordenação dentro da fábrica que substituiu a hierarquia, sem mencionar o fazer funcionar com êxito uma fábrica cujo dono anterior queria fechar para sempre.

4.2 Lições de Obreiros

A relevância do caso FaSinPat transcende o fato de uma ocupação operária em uma fábrica. Conforme explicado por este trabalho, a pós-modernidade é caracterizada pelo poder e relevância das grandes corporações, suprimindo, inclusive a autonomia dos

¹⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Ed, Graal. Rio de Janeiro, 1979. p. 37

²⁰ Disponível em <http://www.ceramicafasinpat.com.ar/>

Estados-nação. Os braços destes grandes conglomerados alcançam os governos, a mídia, a sociedade e as pequenas e médias empresas, tornando raros e praticamente inexistentes os focos de revolta contra o sistema.

A insurreição pacífica comandada por trabalhadores de uma fábrica, inicialmente na busca por melhores condições de trabalho e, posteriormente, por salários e benefícios não pagos, apesar de absolutamente legítima e prevista por lei, costuma ser alvo de uma pesada artilharia a serviço do *status quo*. Grevistas são comumente vistos e apontados pela mídia como desordeiros e hostis. Esquecem-se de que são apenas trabalhadores reclamando seus direitos básicos, na maior parte dos casos com família e casa para sustentar. A esta imagem negativa, proveniente de uma cobertura parcial e manipulada, soma-se o fato de que a união de trabalhadores em sindicatos, em uma luta por seus direitos, é também feita de modo duvidoso e controlado. As associações sindicais, por diversas vezes, costumam ser dirigidas por membros favoráveis à gestão de suas empresas, ou então a serviço do governo (pois sobrevivem à base da contribuição sindical), impedindo o debate e a participação de seus membros, tornando o verdadeiro significado de união entre trabalhadores de uma mesma categoria, mais uma forma de controle e manipulação.

Dentre os inúmeros desafios vencidos pelos ceramistas, cabe ressaltar as diversas dificuldades enfrentadas, que devem servir de estímulo a trabalhadores que passem pelas mesmas provações encontradas em Zanon. Enquanto a alta direção da cerâmica era contrária a toda e qualquer forma de comunicação e união entre os trabalhadores, estes tiveram de encontrar formas de ultrapassar as barreiras levantadas e se unirem à *revelia* da gerência. Embora não obtivessem apoio total dos trabalhadores, os esforços do grupo que se uniu sob a forma de movimento comum dos trabalhadores serviu de exemplo, e foi justamente este exemplo de união e entrega que chamou a atenção e atraiu novos seguidores. As mudanças costumam acontecer desta forma, com um grupo reduzido de pessoas que, através de suas conquistas e determinação, acaba por atrair novas pessoas insatisfeitas e que partilham da vontade de mudar.

O cenário da mudança não poderia também ser mais propício. Durante a transição para o novo milênio, a Argentina enfrentou uma grave crise social e econômica, com índices alarmantes de desemprego e insatisfação popular com seus governantes. Sobre o

fato destas manifestações ocorrerem de forma mais efusiva em países ditos subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, Marcuse nos ensina que:

Quando nas sociedades mais ou menos afluentes, a produtividade atingiu um nível em que as massas participam de seus benefícios, e em que a oposição é eficaz e democraticamente contida, então o conflito entre senhores e escravos também é eficientemente contido. Ou, melhor, mudou a sua localização social, Existe, e explode, na revolta dos países atrasados contra a intolerável herança do colonialismo e seu prolongamento pelo neocolonialismo.²¹

O sistema neoliberal possui esta característica excludente, o que torna viável o surgimento ou o despertar de pessoas que simplesmente não se adaptam às regras ditadas. Estes são chamados de *Outsiders*; e quando se unem em torno de um objetivo comum, tendem a ser o pesadelo do sistema vigente, o *establishment*. A crise social e econômica argentina, possibilitou que muitos insatisfeitos pudessem levantar sua voz, como é o caso dos ceramistas da Zanon. O Altermundismo se dará com a conjunção destes insatisfeitos que vivem à margem do sistema, e por eles será construído. Sejam eles trabalhadores de fábricas, pessoas ordinárias, miseráveis de rua, ativistas dos mais diversos movimentos, intelectuais, ou de uma forma abrangente, o povo. Convergindo numa comunidade globalmente interligada em redes, diferentes grupos e indivíduos podem associar-se em fluidas matrizes de resistência; deixando de constituir ‘massas’ silenciosas e oprimidas, podem formar uma multidão, com o poder de forjar uma alternativa democrática à atual ordem mundial.

Sobre este ambicioso conceito, segundo seus originadores Antonio Negri e Michael Hardt (2005), "O conceito de multidão pretende repropor o projeto político de luta de classes lançado por Marx". Não seria apenas a classe proletária, concebida por Marx em meados do século XIX, o principal agente da mudança. Vivemos nos tempos pós-modernos, onde o grande agente da mudança é o homem comum, que agora poderá levantar sua voz e reclamar seus direitos. Sobre a multidão, ela é formada por todos aqueles que trabalham sob o domínio do capital, e, assim, potencialmente como a classe daqueles que recusam o domínio do capital. Segundo as próprias palavras de Negri e Hardt:

A multidão está engajada na produção de diferenças, invenções e modos de vida. Deve, assim, ocasionar uma explosão de singularidades.

²¹ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Ed, Zahar. Rio de Janeiro, 1975. Prefácio

Essas singularidades são conectadas e coordenadas de acordo com um processo constitutivo sempre reiterado e aberto. Seria um contra-senso exigir que a multidão se torne a "sociedade civil". Mas seria igualmente ridículo exigir que forme um partido ou qualquer estrutura fixa de organização. A multidão é a forma ininterrupta de relação aberta que as singularidades põem em movimento.²²

A principal crítica feita contra os princípios da Administração Cooperativa e a autogestão repousam no fato de que os trabalhadores supostamente não teriam as qualificações necessárias para gerir um empreendimento por si. Os ceramistas da Zanon provaram o contrário, fazendo com que uma cerâmica de produção inicial de sessenta mil m² por mês, passasse a marca de um milhão de m² com o controle operário. As decisões são tomadas nos moldes já abordados de Democracia Participativa, sendo uma das grandes dificuldades coordenar os níveis de produção durante a crise econômica mundial de 2009.

Ultrapassadas estas barreiras, podemos notar os avanços realizados pela autogestão operária. Provaram que a colaboração entre os homens e a igualdade entre eles, está acima de qualquer diploma. Segundo Omar Villablanca, trabalhador da Zanon que foi votado recentemente como Secretário Geral do Sindicato de Ceramistas da província:

Estamos trabalhando para capacitar nossos trabalhadores. A escola fundamental e de ensino médio é um aspecto. O próximo passo seria preparar alguns companheiros para freqüentar a universidade e cursar engenharia ou o que mais lhes interesse estudar.²³

A construção de clínicas de saúde, casas para famílias necessitadas, doação de cerâmicas a centros culturais e bibliotecas, apoio ao fundo para greves de trabalhadores e a projetos comunitários são uma contrapartida social entregues à comunidade onde a FaSinPat se enquadra. Num projeto de Economia Solidária, os ceramistas mostram que toda iniciativa é válida quando utilizada para melhorar o meio onde vivem, no caso, sua província. O objetivo primário da cerâmica não é o lucro, este é utilizado para promover a melhoria na qualidade de vida de seus membros, concebida por um modelo de produção cooperativo, onde o trabalho final seja de qualidade e represente a possibilidade de se repartir seu valor entre seus membros e a sociedade onde vivem.

Nesta fábrica o homem não é um instrumento utilizado na busca incessante e selvagem por dinheiro. Os ceramistas da FaSinPat podem não ter nível universitário, nem

²² Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200007

²³ Disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=40947>

profundos conhecimentos acerca de filosofia, engenharia ou administração. Mas uma coisa é certa: na FaSinPat se vive em plenitude a proposta de Kant, o homem como um fim em si mesmo.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo demonstrar, através de uma análise descritiva das obras de diversos autores, a necessidade existente de se modificar os rumos da economia, política e da sociedade, tendo como objeto de estudo a Administração, e propor novas idéias que possam, quando agregadas, servir como pilares de um mundo mais igualitário.

A ideologia vigente, conhecida como neoliberalismo e realçada pelo fenômeno da globalização, está tratando de aumentar a distância entre ricos e pobres. Conferindo um poder digno de Estado às grandes corporações e fazendo com que os valores de competição e individualismo prevaleçam na mente do homem pós-moderno.

O Altermundismo se mostra como ideologia capaz de substituir o caráter nocivo do capitalismo, retirando dos conglomerados financeiros parte de seu poder e o entregando aos homens, que através de uma Democracia Participativa poderão futuramente escolher de fato para onde e como ir.

Através da Economia Solidária, não mais a natureza e o meio-ambiente seriam alvo de constantes ataques com a desculpa da busca pelo lucro. A qualidade do produto final, respeitando os limites da natureza, assim como o bem-estar do funcionário no trabalho, seriam novas metas, alcançadas por meio de uma nova forma de se administrar, a autogestão.

Para os céticos que não acreditam em mudanças, o caso FaSinPat é uma prova do que espera o homem quando este abandona a competição e se une a seus companheiros na luta por objetivos comuns. E por mais que os desafios possam parecer intransponíveis para uma pessoa, a colaboração entre os homens trará a solução para todo e qualquer dilema.

Que acordem de seu sono os que estão insatisfeitos, pois é apenas na união destes que um outro mundo será realmente possível. Sendo o homem produto do meio social onde vive, pode-se concluir com uma citação de Karl Marx:

“Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência”.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo Parasitário*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 2009.

BUBER, Martin. *O Socialismo Utópico*. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1971.

CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução a Teoria Geral da Administração*. Ed. Elsevier. Rio de Janeiro, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1979.

_____, Michel. *Vigiar e Punir*. Ed. Vozes. Petrópolis, 1997.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. *Império*. Ed. Record. São Paulo, 2006.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1975.

MARX, Karl. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. Ed. Expressão Popular. São Paulo, 2007.

SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. Ed. Perseu Abramo. São Paulo, 2002.

MATÉRIAS JORNALÍSTICAS:

Fórum Social Mundial. Disponível em
<www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=19&cd_language=1>

Matéria da jornalista Marie Trigona, sobre o caso FaSinPat. Disponível em
<<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=40947>>

WebSite oficial da cerâmica FaSinPat. Disponível em
<<http://www.ceramicafasinpat.com.ar/>>

Entrevista com Hardt e Negri sobre o conceito de multidão.
Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200007>